

ONDE O CAOS NÃO ME ENGOLIU



Escrito por
ALÍRIO LAURIANO DE AZEVEDO NETO

UM LIVRO DE SUPERAÇÃO E JUSTIÇA.

Escrito em 2025

do autor Alírio Lauriano de Azevedo Neto

Capítulo 1

Felicidade. Uma palavra tão bonita, mas tão difícil de encontrar. Dizem que uma família feliz é um tesouro raro, algo que poucos têm a sorte de possuir. Mas eu? Eu fazia parte de uma. Pelo menos, era o que todos viam.

Minha família era o retrato da perfeição. Íamos juntos a todo canto, nunca faltávamos a um culto sequer. Doávamos mensalmente para ONGs, ajudávamos em eventos de caridade e, aos domingos, participávamos das confraternizações com os irmãos da igreja. Meu pai, um homem respeitado, cumprimentava a todos com um sorriso largo e uma firmeza na voz que transmitia confiança. Minha mãe, sempre de cabeça erguida, era o exemplo de uma esposa devota e mãe amorosa.

A família perfeita.

Mas perfeição, às vezes, é apenas uma máscara. E máscaras, mais cedo ou mais tarde, caem.

Lembro-me bem daquela noite. Estava frio, mas o calor do lar deveria bastar para aquecer o coração. Pelo menos, era o que eu pensava. O barulho dos talheres se chocando contra os pratos ecoava na sala de jantar, misturando-se ao silêncio sufocante que dominava o ambiente. Algo estava errado. Meu pai não sorria. Minha mãe não falava.

Então, como se o próprio ar tivesse se partido ao meio, veio a explosão.

Gritos.

O estrondo de um tapa seco, forte o bastante para fazer minha mãe cair no chão.

Meus olhos se arregalaram. Meu coração disparou.

Papai estava diferente. Seu olhar não era o mesmo do homem que pregava sobre amor e união aos domingos. Ele não era mais o pai que me carregava nos ombros quando eu era pequeno. Ele era um monstro.

Ele se lançou sobre minha mãe, seus punhos descendo como martelos sobre ela. Os gritos dela se transformaram em súplicas abafadas quando ele lhe enfiou um pano na boca e a amarrou. Eu fiquei ali, parado, paralisado, vendo o homem que deveria nos proteger agir como uma fera enjaulada.

Mamãe tentou resistir. Ela se contorcia, suas pernas se debatiam, mas ele era mais forte. Muito mais forte.

E então ele pegou o taco de beisebol.

Foi nesse momento que meu corpo reagiu antes que minha mente pudesse pensar. Corri, joguei-me sobre ela, tentei protegê-la. Eu era apenas uma criança. Um escudo frágil contra um monstro.

O impacto veio.

Escuridão.

Acordei com o cheiro.

Podridão.

Era um fedor sufocante, uma mistura de lixo, sangue e algo que minha mente infantil não conseguia definir. Meus olhos se abriram devagar, a visão embaçada se ajustando ao ambiente. O chão era áspero, coberto de detritos, sacos rasgados espalhados ao redor.

Um lixão.

O vento frio cortava minha pele. Meu corpo doía, minha cabeça latejava, mas nada—nada—doía mais do que o que vi a seguir.

Minha mãe.

Ou o que restava dela.

Membros espalhados pelo chão. Seu vestido azul, aquele que ela gostava tanto, agora encharcado de sangue e rasgado como trapos sujos. Os olhos dela... oh, céus... estavam abertos. Vazios. Como se ela ainda tentasse me ver, mas já não estivesse mais ali.

Meu peito se apertou.

A dor veio como uma lâmina, rasgando-me de dentro para fora.

Gritei.

Gritei até minha garganta queimar, até minha voz falhar, até meu próprio corpo se recusar a continuar. Meus dedos se agarraram às roupas ensanguentadas dela, tremendo, recusando-se a aceitar a realidade que me cercava.

Isso não pode estar acontecendo. Isso tem que ser um pesadelo.

Mas a dor... ah, a dor era real demais.

Foi então que vi o homem.

Um lixeiro.

Ele se aproximava, suas botas chutando sacos de lixo pelo caminho. Suas mãos ásperas me ergueram do chão, afastando-me daquele inferno. Eu me debatia, tentava escapar, mas era inútil.

— Me larga! — minha voz era fraca, mas desesperada. — Me larga, seu fedido! Eu preciso ir com ela!

Ele não me ouviu. Ou fingiu não ouvir.

A cena foi ficando para trás. Mamãe, seu corpo despedaçado, desaparecendo no meio do lixo e da escuridão.

Eu queria morrer ali.

Mas o mundo não se importava com o que eu queria.

Capítulo 2

Você deve estar se perguntando o que aconteceu comigo depois daquela noite, não é? Como um garoto deixado para morrer em um lixão conseguiu sobreviver?

Bom, eu fui salvo.

Adotado por uma policial.

O destino, em sua ironia cruel, me colocou nos braços de uma mulher da lei. Seu nome era Helena. Forte, destemida, com uma postura firme que impunha respeito, mas com olhos gentis, carregados de uma melancolia que eu não entendia na época. Seu cabelo, de um vermelho intenso, sempre me fazia lembrar do sangue da minha mãe. Era estranho, mas, de alguma forma, estar perto dela me fazia sentir como se mamãe ainda estivesse comigo.

O marido dela, Júlio, também era policial. Negro, careca, médio em altura, musculoso e com um bigode que dava a ele um ar de seriedade... pelo menos, até ele abrir a boca. Ele era brincalhão, cheio de piadas e um humor que parecia inabalável, como se nada no mundo pudesse quebrá-lo.

E eu me perguntava: como?

Como alguém que lida com a morte, com o horror da criminalidade todos os dias, consegue rir?

A resposta não veio em palavras, mas em ações. Júlio ensinou-me que o riso não é fraqueza, mas resistência. Que, às vezes, rir é a única maneira de não ser engolido pelo caos.

Foi ali que tomei minha decisão.

Eu me tornaria um sargento da polícia.

Caçaria criminosos. Assassinos.

Colocaria cada um deles exatamente onde mereciam estar.

Os anos passaram. Treinei, estudei, me preparei para o concurso da polícia. Minha vida tinha um rumo, um propósito.

Até que o passado me encontrou novamente.

A notícia chegou como um soco no estômago.

Meu pai... o monstro que destruiu minha mãe... havia sido inocentado de sua prisão perpétua.

Fiquei em choque. Como isso era possível? Ele foi condenado, julgado, trancado para nunca mais ver a luz do dia. E agora estava solto?

Falei com Júlio sobre isso, buscando entender.

A resposta dele foi curta. Crua.

— Corrupção.

Essa única palavra queimou em minha mente.

Enquanto houver corruptos, o mal continuará existindo.

E eu sabia exatamente o que fazer com o mal.

A raiva me consumiu. Eu precisava acabar com aquele lixo.

Passei a segui-lo, observá-lo. Descobri que, toda quinta-feira, às três da tarde, ele subia o morro da favela para fazer pequenos trabalhos para os traficantes. Um aviãozinho.

Ele não andava armado. Nem mesmo uma faca no bolso.

Fácil.

Agora eu só precisava de um lugar perfeito para matá-lo.

A resposta veio rápido: uma van.

Nela, eu poderia trancar as portas, silenciar seus gritos e, depois, descartar o corpo no mesmo lixão onde ele me jogou. Simples. Simétrico.

Passei dias preparando tudo. Comprei roupas plásticas, cobri o interior da van com lona. Escolhi o facão perfeito. Um tesado grande, afiado, capaz de cortar carne e osso com facilidade.

Tudo estava pronto.

A espera foi angustiante. Eu estava ansioso, cheio de ódio, pronto para dar fim ao pesadelo que me assombrava desde criança.

Mas ele demorou.

Algo estava errado.

Fui atrás dele. Com cautela, sem chamar atenção.

O encontrei... e o que vi me desarmou.

Ele estava sentado na calçada, dividindo seu almoço com mendigos.

Os mesmos braços que espancaram minha mãe agora entregavam comida a desconhecidos.

Os mesmos olhos que antes transbordavam ódio agora pareciam... diferentes.

Mudança?

Era possível que um monstro como ele pudesse mudar?

Não.

Não podia.

Isso era teatro. Uma ilusão.

Ele precisava morrer.

Esperei a noite cair.

Quando ele entrou na minha emboscada, ataquei.

Agarrei-o em um mata-leão, sentindo seu corpo lutar, mas ele não era tão forte quanto antes. O tempo o enfraqueceu. Ele apagou rápido.

Arrastei-o para dentro da van, amarrando-o bem.

Respirei fundo. Meu coração martelava dentro do peito. O ódio me cegava, minha visão estava turva, minhas mãos tremiam, mas não era medo. Era excitação.

Peguei o tesado.

Levantei o braço.

Puxei o ar e me preparei para o golpe.

Mas...

Meu próprio corpo se rebelou.

Minha mão falhou, e a lâmina caiu.

O som seco do metal atingindo o chão foi seguido pela dor excruciante.

Olhei para baixo.

Dois dedos.

Dois dos meus dedos do meio agora estavam no chão, cortados como galhos secos.

O sangue jorrou, mas não era só isso que me paralisava.

Eu não conseguia.

Não conseguia matá-lo.

Eu queria. Eu precisava. Mas... algo dentro de mim me impedia.

A respiração ficou pesada. Meu corpo inteiro tremia.

Joguei tudo fora.

Limpando qualquer evidência, tirei tudo o que pudesse me comprometer.

E soltei ele.

Saí antes que acordasse, desaparecendo na escuridão da noite.

Fugindo.

Não dele.

Mas de mim mesmo.

Capítulo 3

Vagando entre as luzes amarelas dos postes e os olhares carregados de julgamento, eu me pegava perdido em pensamentos. O que eu fiz? Por que o deixei ir? Por que não consegui acabar com tudo ali mesmo? Por quê?

Tudo bem. Farei tudo certo a partir de agora. Pessoas como ele pertencem à cadeia, não à terra. Não sou juiz, muito menos carrasco. Não tenho o direito de tirar uma vida, mesmo que ele mereça.

Cheguei em casa tarde da noite, o suor frio escorrendo pela nuca. O silêncio reinava, e por um instante acreditei que todos estivessem dormindo. Mas bastou atravessar a cozinha para seguir à escada que levava ao meu quarto para perceber que não estava tão sozinho assim. Minha madrasta, Helena, estava sentada à mesa, o rosto banhado em lágrimas. Seu olhar me perfurou quando sua voz trêmula cortou o ar:

— Onde você estava a essa hora, Juan?

Franzi a testa, um reflexo inútil para alguém careca. Respirei fundo e respondi:

— Eu... conheci uma garota. Tivemos um encontro hoje, mãe.

Seus olhos vermelhos se estreitaram.

— Então como me explica isso?

Antes que eu pudesse perguntar a que ela se referia, uma sombra emergiu da escuridão. Meu pai surgiu da penumbra, como se tivesse se materializado da própria parede. Ele caminhava com a cabeça abaixada, os ombros pesados como se carregasse o peso do inferno sobre si.

Fiquei paralisado. Minhas pernas cederam e caí de joelhos. Minha boca se moveu antes que minha mente pudesse acompanhar:

— Me perdoa... me perdoa... Eu achei que conseguiria ser igual a você, mas eu não consigo... — minha voz falhou, e as lágrimas vieram sem que eu pudesse contê-las. — Eu não consigo, pai...

Ele se ajoelhou diante de mim e me envolveu em um abraço inesperado. Seu corpo tremia, e sua voz veio quebradiça:

— Não diga isso. Eu que deveria te pedir perdão, mas sei que não mereço. Eu... sinto muito, filho... sinto tanto...

Minha mente girava, e tudo ao meu redor se tornava um eco abafado. Helena dizia algo a ele, mas eu não conseguia ouvir. Então, vieram as vozes.

"Não acredite nesse desgraçado! Ele esfaqueou sua mãe! Vai deixar isso passar? Porque ela não vai voltar. Acabe com ele agora! Ele é fraco, covarde, bate apenas em mulher! Se você não o matar, a próxima será a Helena. Júlio não está aqui para protegê-la. Vai ficar parado? Olhe bem! Ele está aumentando a voz com ela. Ela vai morrer, e eu vou me deliciar assistindo você ver mais alguém partir..."

Meus olhos se arregalaram. Vi. Vi as mãos dele em Helena. Mas por que não me mexo? Por que não faço nada?

Ele a soltou e saiu pela porta. Helena caiu no chão, o cabelo colando no rosto molhado pelas lágrimas. A cena despertou em mim uma lembrança... sangue espalhado pelo corpo da minha mãe.

Fechei os olhos e, quando os abri, já estava sobre ele. Meu punho afundava em seu rosto repetidamente, um estalo seco a cada impacto. Carne rasgada. Ossos quebrando. Uma sensação estranha me preencheu.

Helena me puxou de cima dele. Fiquei olhando para o corpo inerte no chão, fascinado. Não por ele, isso seria nojento. Mas pelo osso que se destacava na sua face destroçada. Meu coração pulsava com um frenesi inexplicável.

Preciso me preocupar com isso, pensei. Mas antes que pudesse racionalizar, tudo ficou escuro.

Acordei em um quarto branco. O cheiro de hospital era inconfundível. Uma enfermeira se aproximou, e a primeira coisa que perguntei foi:

— Meu pai... ele está bem?

A expressão dela endureceu. Seus olhos cintilaram com um misto de ódio e desprezo.

— Infelizmente... sim. Aquele miserável sobreviveu.

Minha testa se franziu.

— Você o conhece?

Ela assentiu.

— Ele namora minha mãe desde que foi libertado. E bate nela todos os dias. Não se sinta culpado. Ele merecia algo pior. Talvez Deus tenha poupado você desse peso. Não quis sujar as mãos de alguém puro.

As palavras dela ecoaram na minha mente. Eu não queria esse peso. Odiava perder o controle.

— Você está liberado — ela continuou. — Aqui está a receita médica. Apenas tome dipirona se sentir dor ou tontura.

Ela hesitou antes de perguntar:

— Desculpa, mas... você é solteiro?

Minha sobrancelha arqueou.

— Sim... Hoje em dia é difícil encontrar alguém que queira algo sério. Por quê?

Um sorriso brincou nos lábios dela.

— Por interesse... Prazer, me chamo Eliza Golden. E você?

Seu nome soava sofisticado, quase surreal.

— Juan Diaz Gonzalez.

— Nome bonito. Pode me passar seu Instagram?

Passei. Nos despedimos. Assim que meu celular conectou ao Wi-Fi, uma notificação apareceu.

Eliza Golden: Oii, tudo bem??

Dois "i"? Pra quê isso? Respondi educadamente:

Juan: Olá! Tudo sim!

Ela apenas curtiu a mensagem.

— Você nunca teve uma conversa profunda, não? — Helena surgiu atrás de mim.

— Já tive... Por quê, mãe?

— Você respondeu extremamente seco. Ela está de olho em você, Juan. Ela te quer. Me dá seu celular.

Sem entender, entreguei. Ela digitou:

Juan: Sabe, você está livre hoje à noite?

A resposta veio rápido:

Eliza: Sim estarei!!!

De novo com vários "i". Helena continuou:

Juan: Jantar à noite? Passo aí pra te buscar. Me mande sua localização!

Ela aceitou:

Eliza: Tá boom, te vejo mais tarde, se cuida, bjs

— "Bjs"? O que diabos isso significa? Uma invocação? — murmurei.

Helena riu e digitou:

Juan: Bjs

Meu Deus. Sou burro ou elas que são estranhas? Estão assassinando a gramática. Estão falando em código morse?

Capítulo 4

Sexta-feira à noite. Quem em sã consciência marca um encontro às 23 horas? Não sei, mas dar um bolo seria horrível. Eu não sou tão cruel assim.

Cheguei ao local combinado e lá estava ela, já me esperando. Meu olhar percorreu sua silhueta com certa surpresa. Por que estava tão bem arrumada? Enquanto eu vestia apenas uma camisa de manga comprida preta, uma bermuda e um chinelo Havaianas, ela ostentava um longo vestido vermelho, modesto e elegante. Seus acessórios dourados - brincos, colar e pulseiras - reluziam à luz da lâmpada acima dela. O toque sutil de batom era a única maquiagem que usava, realçando ainda mais sua beleza natural.

Fiquei parado, observando-a, hipnotizado pelo brilho dos seus olhos e pelo sorriso que me direcionava. O mundo pareceu se silenciar por um instante. Eu, um homem acostumado ao peso do passado, senti algo diferente. Uma sensação de paz que nunca antes experimentei. Seria possível para alguém traumatizado como eu sentir atração por alguém? Isso era novo. Estranho.

Permaneci ali, imóvel, por cerca de dois minutos, perdido nesse turbilhão de pensamentos, até que ela se aproximou e me envolveu em um abraço. Meu corpo reagiu instintivamente, retribuindo o gesto. Seu cheiro... familiar. Trazia uma memória doce, algo que me lembrava minha mãe. De repente, um desejo intenso emergiu dentro de mim. Eu queria tê-la por perto, queria que fosse minha esposa, que fosse minha. Mas, ao mesmo tempo, me repreendi. Eu mal a conhecia. Como poderia pensar nisso?

Ela ergueu a cabeça, encarou-me e disse, com um tom divertido:

— Estou com fome, vem, vamos comer, Juan.

Antes mesmo de terminar a frase, já estava me puxando em direção à nossa mesa. O restaurante era simples, de bairro, frequentado por pessoas da periferia como nós. Eu podia ser afilhado de policiais, mas estava longe de ser rico. Sobre Eliza, eu não sabia. Descobriria agora.

Enquanto esperávamos a comida, resolvi puxar conversa, mas não sabia exatamente o que dizer. Minha boca se adiantou antes do meu cérebro processar:

— Você... você está tão...

Não consegui terminar.

Ela inclinou a cabeça, curiosa:

— Tão o quê, Juan?

Engoli em seco e finalizei:

— Tão linda. Você está muito linda, Eliza.

Ela riu, abaixou a cabeça e seus cabelos caíram sobre o rosto. Quando os afastou, percebi que suas bochechas estavam coradas. Vermelho. Mas não o vermelho que me lembrava o sangue da minha mãe. Era um vermelho bonito, diferente. Algo nela me trazia conforto. Algo que eu não conseguia entender.

Ela sorriu e devolveu o elogio:

— Você está muito lindo, Juan. Até demais.

Desviei o olhar, sem jeito. Para mudar de assunto, perguntei sua idade.

— Tenho 23 anos, e você?

— Engraçado... tenho a mesma idade.

— Sério? Qual sua data de nascimento?

— 11 de outubro de 2001. E o seu?

Ela arregalou os olhos e riu:

— Quase o mesmo! Nasci em 13 de outubro de 2001. Isso é estranho, haha!

Sorri, surpreso com a coincidência. Antes que pudéssemos continuar a conversa, a comida chegou. Comemos tranquilamente, conversando sobre coisas triviais. Quando terminamos, ela me olhou de forma sugestiva e disse:

— Quer ir lá para casa? Assistimos um filme e dormimos por lá.

Hesitei por um momento, mas aceitei:

— Vamos. Mas da próxima vez, é na minha casa, hein.

Pegamos dois ônibus e chegamos à casa dela já eram três da manhã. Seu quarto era aconchegante, simples e bem arrumado. A televisão ficava ali.

— Tira essa camisa e deita aí. Vamos assistir alguma série. Qual você quer?

— Escolhe você, Eliza. Não sei qual assistir, haha.

— Tá bom, você vai amar essa série.

Ela escolheu um filme. Romance, claro. Sempre elas escolhem romance. O título era 'Adoráveis Mulheres'. Inicialmente, achei que seria entediante, mas, para minha surpresa, acabei gostando.

Sem perceber, me aproximei dela. Em um movimento inesperado, Eliza pegou minha mão e a guiou até seus seios. Meu coração acelerou. Era um gesto direto, mas não me senti confortável. Tirei a mão de lá e a coloquei sobre seu ombro. Ela sorriu, não se incomodou. Apenas se aconchegou mais em mim, deitando sua cabeça sobre meu peito e pousando sua mão sobre mim. Seu toque era quente. Acariciei seus cabelos instintivamente. Ela suspirou.

Depois de um tempo, se sentou e amarrou o cabelo, enquanto eu me encostava na parede. Se aproximou novamente, apoiando a cabeça em meu ombro, uma mão atrás do meu pescoço e a outra pousada sobre minha coxa. Meu corpo reagia à sua proximidade, mas minha mente ainda estava processando tudo.

Do nada, ela virou o rosto para mim. Nossos olhos se encontraram, e, sem pensar, nos beijamos. Foi intenso. Profundo. Ela desceu sua mão até meu membro, e, naquele instante, qualquer resistência se dissipou. A tensão cresceu rapidamente. Suas mãos exploravam minha pele, seu toque era firme, exigente. A respiração dela se tornava mais pesada, os olhos semicerrados cheios de desejo.

Ela puxou minha camisa para cima e, com um sorriso malicioso, deslizou os lábios pelo meu pescoço. Meus dedos deslizaram por suas costas nuas enquanto nos rendíamos ao calor do momento. Não havia mais hesitação, apenas a vontade de sentir um ao outro por completo. A noite se estendeu em uma dança de corpos entrelaçados, sussurros e gemidos abafados pela madrugada. Nos entregamos ao prazer sem pressa, sem barreiras.

Dormimos às dez da manhã e acordamos às cinco da tarde. Quando finalmente saí de sua casa, minha mente ainda estava confusa. Mas, uma coisa era certa: eu estava oficialmente apaixonado.

Capítulo 5

No dia seguinte. O som suave da luz filtrando pela janela foi o primeiro a alcançar meus ouvidos, e quando finalmente abri os olhos, não pude deixar de me perder em um momento de confusão. Estava ali, à minha frente, a figura de Helena. Seu sorriso se formou com facilidade, mas sua presença era como um peso que me puxava para fora da névoa do sono.

Ela me olhou com aquele olhar assertivo, o que parecia ser um convite para uma nova jornada.

— Vamos, hoje você vai trabalhar comigo — disse ela, a voz carregada de uma confiança que não deixava espaço para contestação.

Franzi a testa, ainda sonolento, tentando entender o que ela queria dizer. Era como se tudo ao meu redor se movesse em câmera lenta. Perguntei, sem saber se estava ainda sonhando:

— Como assim?

Helena sorriu, como quem soubesse exatamente o que eu estava pensando, e me lançou uma resposta direta, sem rodeios.

— Deixa de ser besta. Você está tendo uma chance única de se tornar um grande policial. Você vai trabalhar na área de homicídios. Tudo bem?

Eu a encarei, minha mente ainda girando com a surpresa, mas um pequeno lampejo de excitação começou a tomar conta de mim. Era uma oportunidade rara, e por mais que minha cabeça tentasse fazer objeções, algo dentro de mim sabia que não podia deixar aquilo passar.

— Claro, por que não, né? É uma oportunidade e tanto — respondi, tentando dar um passo em direção a uma realidade que eu ainda não conseguia compreender completamente.

Seguimos juntos, e ao entrar no departamento de polícia, o clima mudou. Os olhares... bem, nem todos eram amigáveis. Eu estava ali, no meio de um lugar onde a maioria das pessoas já tinha anos de experiência, e eu, sem nem sequer ter feito concurso, estava sendo jogado em uma das áreas mais tensas e perigosas do departamento. Mesmo assim, segui em frente, sem permitir que as críticas me abalassem.

Logo, minha madrastra, que se mostrava mais uma vez a figura de autoridade que eu nunca imaginaria, começou a me explicar o que eu teria que fazer. Ela falava com uma precisão cirúrgica, e foi então que algo me surpreendeu ainda

mais: um policial se aproximou e a chamou de "Capitã". A cena foi quase surreal para mim. Helena, minha madrastra, tinha alcançado esse posto, e por um momento, eu fiquei em silêncio, tentando processar a situação.

Depois de toda a explicação, ela me conduziu até a minha sala. Ao entrar, encontrei um colega, que deveria me ensinar os primeiros passos na nova jornada. O sujeito era um careca magro, cuja roupa apertada parecia um esforço consciente para parecer mais imponente do que realmente era. Olhei para ele, tentando me concentrar no que ele falava, mas logo percebi que a rotina naquele lugar seria cheia de surpresas.

Quando o tempo parecia estagnar, meu novo colega, sem mais nem menos, abriu um site de conteúdo proibido no computador e, ainda por cima, deixou o volume bem alto. O som ressoava por todo o ambiente. Eu me senti desconfortável, não apenas pela falta de respeito, mas também pela invasão de privacidade. Não queria ser aquele tipo de pessoa que se importava com tudo, mas o clima de imaturidade me incomodava.

Então, decidi tentar algo mais produtivo. Eu não conhecia muito bem a Eliza, e a curiosidade sobre ela estava me consumindo. Não queria ser um stalker, mas sentia que precisava entender quem ela era. O que ela realmente representava para mim? Será que a minha visão sobre ela estava sendo distorcida?

Abri o Instagram e dei de cara com um perfil vazio. Apenas números: seguidores e seguidos, e uma foto de perfil. Nada além disso. Intrigado, fui atrás do TikTok dela, mas não encontrei nada. Talvez ela não tivesse conta, ou talvez fosse uma forma de esconder sua identidade digital. Passei para o Facebook, onde encontrei um perfil antigo. Ela postava muito, algo em torno de quinze postagens por dia. Era um número excessivo, mas aquilo me dava uma sensação de proximidade, de uma Eliza que eu não conhecia.

Comecei a rolar as postagens de cima para baixo, passando por fotos e legendas que me faziam questionar. A primeira imagem mais recente a que ela havia postado era de um dia em que ela estava em um restaurante, sorrindo com amigas. Mas a legenda era o que me fez parar. “Só faltou um baseado, mas em público complica”. Aquelas palavras estavam como um peso sobre minha mente. Será que ela era usuária de drogas? Ou apenas uma fase da adolescência? Eu não sabia o que pensar, mas tentei não me preocupar. Todos nós passamos por coisas da juventude que nem sempre refletem quem somos hoje.

Continuei descendo e, mais adiante, encontrei uma foto que me deixou sem palavras. Era uma imagem dela no espelho, vestindo apenas roupas íntimas. A pose era sensual, algo que uma adolescente faria em busca de atenção, mas ela não parecia ser mais aquela pessoa. Eu esperava que não fosse, mas algo

dentro de mim sentia que essa parte dela não havia desaparecido completamente. Isso me incomodava, mas eu não podia ignorar.

À medida que eu descia mais um pouco pelas postagens, encontrei algo que me fez parar por um momento. Uma foto de batismo, e eu me vi questionando o que isso significava. Talvez fosse apenas mais uma fase de sua vida, mas era estranho. Não acreditava no que todos chamam de Deus, não depois de tudo o que passei. No entanto, ela parecia ter um outro lado, algo que eu precisava entender.

O resto das postagens eram de uma vida mais tranquila, de fotos de infância, nada que realmente fosse relevante no momento. Não era aquilo que eu buscava. Mas algo sobre o passado dela, sobre suas escolhas, ficou na minha mente. Eu precisava encontrar um jeito de entender sua rotina atual. Quem ela era agora?

O tempo estava passando, e eu não sabia quanto mais eu teria para investigar antes que meu trabalho real começasse. Mas, algo dentro de mim dizia que, para entender Eliza, eu teria que olhar mais fundo, muito mais fundo.

Capítulo 6

— Está ouvindo isso? — murmurei para mim mesmo, enquanto o silêncio incômodo do quartel ecoava em meus ouvidos. — Pois é... é o universo conspirando contra mim de novo.

Era surreal, quase cômico. Me colocaram pra limpar o banheiro — incluindo o vaso sanitário. Ótimo. Eu, um quase-policial na ala de homicídios, lidando com privada. Ainda bem que o pessoal aqui parecia ter bons hábitos de higiene. Já imaginou se fosse banheiro de escola pública? Aquilo sim seria o apocalipse. Mas enfim... mãos à obra.

Me ajoelhei, luvas já postas, nojo engolido, e... *plim!* Algo metálico bateu no chão. Olhei de lado. Uma chave. Alguém a tinha deixado cair ali. Peguei-a com cuidado, limpei o que pude com álcool em gel e saí procurando o dono pelo quartel, perguntando de mesa em mesa.

Foi aí que escutei, vindo como um trovão pelas minhas costas:

— Me dê isso, novato.

Virei o rosto devagar, e então vi... *ele.*

O sujeito era uma muralha humana, parecia um amontoado de músculos que mal cabia na farda. Careca, pescoço grosso, olhar fixo como o de um leão prestes a matar. Ele estendeu a mão, e por um instante eu congelei. O cara parecia capaz de me partir ao meio só com o olhar. Mas então, contrariando tudo, ele sorriu. Um sorriso largo, como se aquele momento tivesse acabado de selar um pacto invisível entre nós.

— Qual é teu nome mesmo? — perguntou.

— Juan — respondi, ainda meio travado.

Ele estendeu a mão de novo, desta vez para um aperto.

— Você é meu parceiro a partir de agora. Trabalharemos em dupla.

Aquela frase bateu como um soco. Como assim "parceiro"? Eu mal tinha começado, ainda estava tentando descobrir os podres de Eliza, e agora isso? Lá se ia minha chance de investigar tranquilo. Meus planos precisariam esperar... até esse brutamontes trabalhar sozinho de novo.

Terminei de limpar o banheiro, resmungando em silêncio, e tentei sair do quartel sem ser visto. Já era noite. Me esgueirei pelos corredores como um gato... Mas não adiantou.

— Ah não, cara... — sussurrei para mim mesmo quando o vi se aproximando.

— A propósito — disse ele, firme — me chamo Carlos. Carlos Hubert.

— Prazer em te conhecer, brother — respondi automaticamente, e me senti um adolescente besta tentando parecer descolado usando inglês numa frase em português.

Carlos não ligou. Apenas acenou com a cabeça.

— Vamos fazer uma ronda de 30 minutos. São 20 horas. Esse é um horário com muito movimento nas ruas.

Entramos na viatura. A ronda foi tranquila, só algumas confusões normais da cidade — gritaria, gente bêbada, carros mal estacionados. Mas, de repente, Carlos virou o volante numa rua que não estava no roteiro. Era um caminho escuro, estreito, com postes quebrados e becos profundos. As luzes da cidade pareciam se recusar a alcançar aquele lugar.

Abaixou as janelas e reduziu a velocidade. Meus sentidos dispararam. Nas calçadas, homens armados com fuzis e coletes circulavam livremente, como se estivessem em um campo de guerra. Eu quis gritar. *Onde diabos estamos?*

Carlos estacionou o carro, desligou o motor, abriu a porta e começou a caminhar em direção a um homem com balaclava e um revólver pendurado no cinto.

— Vem comigo — disse ele.

Fui. Idiota ou corajoso? Nem sei. Só sabia que estava indo sem uma arma, sem saber o que fazer se algo desse errado.

Chegamos perto do homem mascarado. Ele me lançou um olhar de cima pra baixo, como se eu fosse um pedaço de carne estragada. Tínhamos a mesma altura, mas ele olhava como se estivesse dois metros acima. A arrogância transbordava.

— Pode me chamar de Indomável — disse ele. — Sou o sub-chefe. O que te traz aqui, parça?

Antes que eu pudesse pensar numa resposta, Carlos assumiu a fala:

— Ele é meu novo parceiro. Trouxe ele para oferecer uma chance... a chance de combater o sistema.

Combater o sistema? *Do que ele tá falando?*

Indomável estreitou os olhos e deu um passo à frente.

— Esse aí? Olha pra ele. Nem parece gostar desse papo. Tire-o daqui. E tome cuidado... e se ele for X9? Já esqueceu as regras, irmão?

Não houve mais conversa. Carlos apenas assentiu e me puxou de volta para o carro. Silêncio absoluto até a porta bater e ele erguer o vidro.

— Se eu sumir dentro de uma semana, lembre-se deste lugar. Se eu desaparecer... é porque ele descobriu que sou um informante. E aí, meu amigo... você é minha salvaguarda. Você é a única garantia de que essa facção vai ser dissolvida um dia.

Só consegui responder com um:

— Ok...

Ele me deixou no quartel, e de lá, peguei o primeiro ônibus. Não lembro nem da viagem. Cheguei em casa arrastado, larguei tudo e caí na cama como um cadáver. Nem banho, nem jantar. Dormi pesado, afogado na confusão da noite.

O dia seguinte amanheceu calmo. O sol filtrava pela janela como uma bênção silenciosa. Era domingo — eu não precisava trabalhar. Tomei um banho longo, me vesti com calma, comi algo e decidi: hoje eu descobriria mais sobre a rotina de Eliza. Era um risco, mas se ela ainda fosse usuária, domingo seria o dia ideal para ver algo suspeito.

Peguei um moletom com capuz, mas me senti um idiota. Estava chamando atenção demais. Troquei por um boné. E fui.

Em frente à casa dela, havia um pequeno parque. Disfarcei, me sentei num banco, fingindo olhar o celular. Esperei... e esperei...

Finalmente, ela apareceu. Atravessou a rua e foi até a padaria. Nada suspeito nisso. Comprou pão e voltou com a mesma tranquilidade. Abriu as janelas da casa, e agora dava para ver parte do interior. Vestido? Ela estava de vestido logo de manhã cedo? Quem faz isso? Esquisito, mas não condenável.

Pouco depois, saiu com duas sacolas enormes. O que teria dentro?

Comecei a segui-la. Mas... ela veio direto para o parque. Sentei-me mais ao fundo, fingindo ler uma revista velha de palavras cruzadas.

Ela se posicionou no centro do parque. Pouco a pouco, pessoas começaram a se aproximar. Homens e mulheres em situação de rua, sujos, abatidos. Formaram uma fila. E então vi...

Eliza estava distribuindo comida.

Parei. Respirei fundo. Ela sorria para cada um, entregava o alimento como se fosse um presente. Não havia medo, nem julgamento. Apenas cuidado.

E ali, naquele instante, percebi... talvez ela tivesse mesmo mudado.

Capítulo 7

O céu estava nublado, uma estranha melancolia pairava sobre a cidade. As ruas, ainda úmidas da garoa da madrugada, refletiam os prédios como espelhos distorcidos de uma realidade que já não fazia sentido.

Era meu dia de folga, mas algo dentro de mim me empurrava para o quartel. Intuição, talvez. Ou culpa. Ou apenas a maldita sensação de que algo estava prestes a acontecer, e eu não queria ser pego de surpresa. Vesti minha farda, ajeitei o coldre na cintura, amarrei as botas e fui.

Ao chegar, não demorou muito para o destino me dar um tapa na cara.

Carlos.

Ele estava lá, vivo, como se nada tivesse acontecido. A mesma postura relaxada, o mesmo olhar cínico, como se estivesse sempre jogando xadrez com o mundo. Senti meu estômago revirar. Meu instinto gritou.

— E aí, parceiro... a gente pode conversar? A sós — falei, tentando não parecer tão afetado.

Ele me encarou por um instante, avaliando. Depois assentiu, com aquele sorriso quase sarcástico.

— Podemos, sim.

Fomos até minha sala, uma pequena cela de vidro e silêncio onde, até então, eu me sentia seguro. Hoje, aquela segurança parecia ilusória.

— Quem mais sabe que você está infiltrado lá? — perguntei, direto, com os olhos fixos nos dele.

Carlos olhou ao redor, como se sentisse os muros escutando.

— Do que cê tá falando? — respondeu. Mas antes que eu insistisse, ele me segurou pelos braços. — Vamo ali.

Tirei as mãos dele com firmeza, mas ele apenas riu, aquele riso que irritava e ao mesmo tempo... causava medo.

— Vamos beber. Você tá precisando de diversão, parceiro.

Confuso, hesitei. Mas aceitei. Às vezes, é mais fácil arrancar verdades de um homem embriagado do que de um sóbrio.

Entramos no carro dele. O rádio tocava uma música velha, abafada pela chuva fina que começava a cair.

Foi então que ele falou:

— Só você e a Helena sabem. Todos no quartel... todos, são dos Luas Amarelas. Menos a Helena. Eu só entrei pra me manter vivo. E porque... eu preciso desse emprego.

Virei o rosto pra ele, surpreso.

— Por que você precisa disso? Você tem corpo de atleta, poderia ser personal trainer. Não precisa se arriscar assim, Carlos.

Ele riu, mas dessa vez... sem humor.

— Vou te contar um segredo. Eu preciso desse trabalho porque às vezes ele exige que eu mate. E eu... — ele respirou fundo, sem desviar os olhos da estrada — eu necessito matar. Tenho sede de sangue. É como... uma maldição que alivia quando o sangue escorre. Eu só mato bandidos. Nunca sem motivo. Mas... eu mato. E gosto disso.

Aquela confissão bateu como um soco. Eu esperava qualquer coisa. Corrupção, traição, medo... menos aquilo.

— Como você passou no exame psicológico? — perguntei, num sussurro mais pra mim do que pra ele.

Ele me ignorou, olhando para frente, como se lembrasse de algo distante.

— Quando eu era moleque, magrelo, sofria bullying todo santo dia. Um dia, meu irmão mais velho me defendeu. Meteu a porrada em dois garotos. Só que duas semanas depois, apareceu um vídeo na internet. Um grupo de covardes torturou ele até a morte. Os mesmos garotos... e mais uns parentes deles. Me obrigaram a assistir.

Ele fez uma pausa. Seus dedos apertavam o volante até os nós ficarem brancos.

— Anos depois, eu os encontrei. Descobri quem eram. Planejei tudo. Um por um... fiz com eles o que fizeram com meu irmão. Sangue por sangue. E ali...

descobri meu prazer. Treinei. Virei o homem que sou hoje. Um caçador com um código próprio.

Eu engoli em seco. Não sabia o que dizer. Apenas respondi:

— Uau. Isso é uma história e tanto. Parabéns por manter a sanidade.

Mentira. Ele não tinha nenhuma.

Mas o que me assustava de verdade... era o quanto eu o compreendia.

Memórias vieram como rajadas. O sangue. O cabelo da minha mãe manchado no chão. O olhar dela, pedindo ajuda. A raiva. A culpa. A sede de justiça. Ou seria vingança? Meu lado humano me segurava. Meu medo... minha fraqueza.

Não. Não era fraqueza. Era o que ainda me mantinha humano.

Chegamos ao bar. Era um lugar decadente, com cheiro de cerveja azeda, fumaça e suor. Bebemos. Rimos. Fingimos estar vivos.

E então, o vazio.

Acordei no chão frio. Dor na nuca. A cabeça latejando. A visão turva.

Carlos estava caído ao meu lado.

Sem vida.

Mas o que me chocou não foi o corpo. Foi o detalhe.

Seu cabelo... tinha exatamente a mesma cor do da minha mãe.

Pálido. Ensanguentado. Morto.

Carlos estava morto.

— Como? — murmurei. — Por quê?

Levantei com dificuldade. Ao redor, tudo parecia girar. Um barulho distante, vozes abafadas, sirenes... ou seria só minha mente?

Olhei para ele. Um corpo mutilado. Facadas. Muitas. Foram... cinquenta? Sessenta? Setenta?

Perdi a conta.

Alguém tinha ódio.

Helena surgiu no campo da minha visão, como um vulto saído das cinzas.

— Você está bem? Foi uma confusão e tanto...

— O que aconteceu aqui? — perguntei, ainda tentando entender se estava acordado.

— Uma briga de bar — respondeu, seca.

Briga de bar?

Aquilo foi um massacre.

Caminhei até o corpo de Carlos. Me ajoelhei. Fechei os olhos dele.

Ele era louco. Mas era o único que poderia ter enfrentado os Luas Amarelas de frente. Com coragem. Com fúria. E agora... ele estava morto.

Olhei para minhas mãos. Não estavam sujas de sangue.

— Por que eu ainda tô vivo? — sussurrei. — Quem fez isso?

E então compreendi.

Não importava mais.

A justiça que eu buscava não cabia mais na farda. Não havia espaço para isso na estrutura podre da corporação.

Eu não era mais um policial.

Eu era outra coisa.

Algo nascido da dor, da perda... e do desejo de impedir que mais sangue fosse derramado.

Voltei pra casa como um fantasma. Comi, tomei banho. E dormi. Um sono profundo, perturbado, sem sonhos. Ou talvez com muitos — eu não me lembrava.

Quando acordei, o dia já tinha passado. Dormi quase vinte e quatro horas.

Mas agora eu sabia o que fazer.

Ou pelo menos... achava que sabia.

E essa foi a última vez que confiei em alguém dentro daquela farda.

Capítulo 8

Peguei o celular ainda com os olhos meio turvos de sono, e ali estavam: dezenas de mensagens de Eliza. Meu peito apertou. Eu a havia deixado de lado sem perceber, mergulhado no caos que a minha vida vinha se tornando. Liguei para ela, a voz embargada de culpa, e propus algo simples: uma pescaria. A praça tinha um lago calmo, e naquele final de tarde o reflexo do sol sobre a água parecia um espelho dourado. Ela aceitou o convite.

Quando cheguei, Eliza me surpreendeu com um beijo suave nos lábios. Ainda não me acostumei com esses gestos — minha alma parece sempre atrasada em relação ao corpo. Sorri meio sem graça e disse:

"Como vai a vida? Tudo certo?"

Ela respondeu, com aquela voz que parecia trazer paz até ao mais inquieto dos homens:

"Tudo bem, e contigo, meu bem?"

"Estou ótimo. Vamos lá pegar uns peixes."

Sentamos à beira do lago. A linha lançada na água era apenas uma desculpa para estarmos juntos. O silêncio começou a pesar, e eu soltei a primeira coisa que veio à mente:

"Tem vontade de namorar um dia?"

Ela riu e respondeu com ironia:

"E nós somos o quê, bobo?"

Fiquei ruborizado, a língua presa, o cérebro tentando buscar uma resposta plausível.

"Desculpa, eu... não tinha percebido."

Ela sorriu com malícia:

"Sem desculpas. Agora você me deve um beijo de língua."

O sangue fugiu do meu rosto. Eu nunca havia feito isso. Como explicar? Fui sincero:

"Só se você me ensinar, porque... eu não sei."

Ela riu de mim, e por um instante pensei ter dito algo errado. Mas logo se aproximou e sussurrou:

"Apenas faça o que eu fizer."

Seus lábios encontraram os meus, e tudo ao redor desapareceu. A vara de pesca caiu da minha mão, a dela ficou pendurada. Era injusto, eu estava completamente à mercê daquela sensação estranha e nova. Um beijo cheio de desejo, mas também de doçura, e ali eu percebi: ainda sou humano. Não preciso ceder à loucura, não preciso mergulhar no abismo.

Quando se afastou, seus olhos brilhavam. Ela disse:

"Estou tentando voltar para a presença de Deus. Vamos à igreja juntos?"

Fiquei em silêncio por um momento. A velha descrença gritou em minha mente. Respondi com frieza:

"Sinto muito, mas Deus não existe. Tire essa ideologia de dentro de você."

O sorriso dela sumiu. Deu um passo para trás.

"Eu achei que você fosse... ah, tanto faz. Tenho que ir. Tchau."

Ela virou-se. Antes que se afastasse por completo, segurei sua mão:

"Não vá ainda. Me desculpa. Hoje... hoje eu irei com você."

Ela sorriu e chorou ao mesmo tempo:

"Ahh, te amo. Obrigada."

Me beijou com ternura. Passei os dedos entre os fios do cabelo dela e murmurei:

"Eu acho que também te amo."

Falei sem pensar. Ela chorou mais ainda:

"Sério mesmo? Achei que me odiasse, haha."

Olhei firme para ela:

"Deixa disso. Eu gosto de você."

Fomos até a casa dela e assistimos a um clássico: "O Máskara". Rimos juntos. No meio do filme, ela puxou assunto:

"Você sabe que nossa próxima transa só vai ser depois do casamento, né? Já pedi perdão a Deus."

Sorri com sinceridade:

"Tudo bem. Não estou com você por prazer. Estou contigo porque você me traz paz. Com você... eu sou uma pessoa melhor."

Assistimos até o anoitecer e nos arrumamos para o culto. Durante a pregação, pensamentos invadiram minha mente. E se Deus existisse? No final, ainda não havia mudado meu posicionamento, mas o questionamento plantou uma semente.

Deixei Eliza em casa, me despedi com um beijo na testa e voltei para minha casa. Estranho... Helena e Júlio não estavam. Já era tarde. Jantei sozinho e fui dormir.

De madrugada, acordei com sons abafados. Mal abri os olhos e vi fuzis apontados para mim. Homens mascarados, todos usando balaclavas negras. Eram os Luas Amarelas. Não reagi. Fui levado.

Colocaram uma caixa na minha cabeça, abafando minha visão. Uma voz ameaçadora ecoou:

"O quanto você sabe sobre nós, rato?"

Fiquei em silêncio. Um tapa forte na nuca.

"O quanto você sabe, seu verme?!"

Respondi com frieza:

"Nada além da existência de vocês. Por que estou aqui?"

Outro impacto, e perdi a consciência.

Acordei no meio do mato, vestindo apenas cueca. Tentei encontrar ajuda, cambaleei até a estrada, mas caí e desmaiei.

Quando despertei, estava no hospital. E adivinha quem estava ao meu lado? Helena. Ela cuidava de mim com olhos aflitos.

Os dias passaram, mas em vez de melhorar, eu piorava. Algo estava errado. Era apenas uma pancada, mas meu corpo enfraquecia. Eliza também estava lá, segurando minha mão.

Minha visão começou a escurecer. A boca se mexia, mas nenhum som saía. Comecei a me debater. Eliza gritava algo, chorando, mas eu não a ouvia.

Então senti: era o fim.

Mas em vez do sufoco da morte, veio a paz. Imagens da minha vida passavam diante de mim. Uma luz apareceu à distância, se afastando. E uma voz sussurrou:

"Aproxime-se de mim. Não chegou sua hora. Ajude quantos puder."

Acordei com um susto, o coração disparado. Olhei ao redor, sentindo a vida retornar lentamente. Aquilo... aquilo foi Deus?

Por que ele me salvaria? Eu, um descrente? Um louco à beira do abismo?

Talvez... talvez fosse hora de descobrir quem, de fato, eu sou. E quem eu devo me tornar.

Capítulo 9

Quando minha audição finalmente voltou, tudo que consegui captar foram os gritos de alívio de Eliza. Sua voz trêmula ecoava no quarto de hospital, misturada ao som abafado de sirenes ao longe e passos apressados nos corredores. Ela estava chorando... por mim?

Por quê?

Eu sou um lixo de ser humano. Um fracassado. Um inútil. Um humano medíocre.

— Cala a boca, você não é medíocre! — ela gritou, apertando minha mão com força. — Ainda bem que você está bem...

Droga. Pensei alto de novo. Mas... tudo bem. Agora que o corpo parou de doer e a mente clareou, algo dentro de mim mudou. Senti que havia algo maior ao meu lado. Uma presença invisível que me empurrava adiante. Um sussurro divino entre os cacos do meu desespero.

É isso. Eu não posso mais fugir.

Vou buscar um caminho melhor. Não... não apenas um caminho. Vou buscar justiça. Mesmo que ela tenha que ser esculpida com sangue e dor. Mesmo que eu tenha que me perder completamente.

Mas como um cara como eu — quebrado, sozinho, lascado — pode trazer justiça a esses malditos corruptos? A esses monstros que devoram o mundo de dentro pra fora?

Fechei os olhos por um instante, respirei fundo e murmurei para o alto:

— Deus, me desculpa... mais uma vez. Mas vou ter que ir pelo caminho da violência. Vou acabar com os líderes. Um por um.

A dor da alma não passava. E o desejo de fazer algo certo — mesmo que errado — crescia. Eu precisava de alguém ao meu lado. Alguém em quem pudesse confiar, alguém que já tinha me mostrado que não iria me abandonar.

— Eliza... — chamei, ainda com a voz rouca. — A gente precisa conversar.

Ela me olhou, olhos vermelhos de tanto chorar, mas atentos, vivos.

— Lá fora, na polícia... tem gente trabalhando com a facção dos Luas Amarelas. Gente do alto escalão. Eu preciso acabar com isso, mas não posso fazer isso sozinho. Me ajuda? Só tenho você.

Ela hesitou por alguns segundos, confusa.

— Que confusão... quando sairmos daqui conversamos melhor. E sim, vou ajudar. Não vou deixar você se perder nisso sozinho.

Um peso saiu do meu peito. Eu não estava mais sozinho. Pela primeira vez, alguém decidiu caminhar ao meu lado nesse inferno.

Mas havia outra pessoa que não podia mais fazer parte disso. Helena.

Ela não podia se machucar.

Não ela.

Para protegê-la, eu teria que fazer algo terrível. Me infiltrar nos Luas Amarelas. Me tornar parte da podridão para, um dia, destruí-la por dentro.

Mais tarde, naquele mesmo dia, saí do hospital ao lado de Eliza. O sol parecia zombar da dor que ainda queimava em meu peito. Eu estava bem, vivo... um verdadeiro milagre. Mas nem o calor do dia nem os sorrisos da rua podiam me afastar da sombra que se aproximava.

Fomos de ônibus — ela não tinha carro, e eu muito menos. Apenas dois sobreviventes tentando mudar um mundo que já estava condenado.

Ao chegarmos na casa dela, fui direto ao ponto.

— Vou me infiltrar. Você cuida da Helena. Isso acaba amanhã.

— Tudo bem... — respondeu ela com firmeza. — Vou cuidar bem dela.

Dormi com dificuldade, o sono povoado por pesadelos e lembranças de tudo que perdi. Ao amanhecer, parti em direção ao covil das cobras: o QG dos Luas Amarelas.

Fui recebido com brutalidade. Mais uma pancada na cabeça, mais uma caixa sobre ela. Uma rotina que estava se tornando estranhamente familiar.

— Quero entrar pra família — falei assim que tive a chance. — Já que todos os meus parceiros da polícia se venderam pra vocês... prometo dar o meu melhor.

— Você de novo? — alguém respondeu com desdém. — Muito bem. Prove sua lealdade. Vamos pegar leve com você... seu padrasto se chama Júlio, certo? Sequestre-o. Traga ele pra nós. Precisamos dele.

Meu sangue gelou.

— Trago hoje mesmo. Me soltem que farei isso.

Mas por dentro, eu tremia. Júlio era forte. Imenso. E, apesar de tudo, era parte da família. Eu não queria envolver ele... e nem a Helena.

Peguei um dos carros da facção, um Fiat Uno enferrujado, e vazei dali. Cheguei em casa, troquei de roupas, coloquei uma máscara improvisada. Tudo dentro de mim gritava em conflito.

A porta da casa estava entreaberta.

Algo estava errado.

Corri até a cozinha... e fui recebido por uma trilha de sangue.

Tremendo, segui os rastros até encontrá-la... caída... imóvel...

Helena.

A mulher que foi mãe pra mim.

Meu mundo desabou. Me ajoelhei ao lado do corpo dela. O sangue escorria por seu corpo inerte, manchando suas roupas, o chão, meu coração. A cor da pele... a mesma palidez da minha mãe biológica, quando a perdi.

— Não... por quê? Por que ela? Por que mais uma mãe?

As lágrimas não vinham. Só o ódio. Um ódio tão profundo que poderia incendiar o mundo.

— Seja quem for... eu vou matar. Eu vou destruir. Eu quero ver o desespero nos olhos dessa pessoa antes de arrancar-lhe a vida.

Segurei o corpo dela em meus braços. Helena estava fria. Morta. E uma parte de mim também morreu ali.

— Deus! — gritei. — Se você está aí mesmo, traga ela de volta! Leve a mim no lugar dela! Ela não merecia isso! Por favor!

Mas o silêncio foi a única resposta.

Então, peguei a faca ensanguentada do chão. O ódio me dominava. Olhei em volta... até ouvir um som metálico.

Click.

O som de um revólver sendo destravado.

Júlio.

Ele estava ali, apontando a arma direto para minha cabeça.

— Seu ingrato! — ele rugiu. — Como pôde matar quem cuidou de você? Está feliz agora, desgraçado? Está preso! Você tem direito a um advogado... ah, que se dane! Eu mesmo vou acabar com isso agora!

Mas antes que ele pudesse apertar o gatilho, o rádio em seu cinto chiou:

— Emergência no Bairro Alfredo Nascimento, rua 04, casa 259. Indivíduo armado ameaça atirar...

Era o meu fim.

Fechei os olhos.

— Me desculpa, Helena...

Mas então, um som seco.

THWACK!

Abri os olhos. Júlio estava caído, inconsciente. Eliza estava ali, um bastão ensanguentado em mãos, respirando pesado.

— Droga... vamos! Não temos tempo pra conversa.

Sem pensar, segui ela até o carro. Entramos no mesmo Fiat Uno, e aceleramos. No silêncio do trajeto, ela me olhou assustada.

— Meu Deus... o que aconteceu com você, Juan?

Ha... se ela soubesse.

— Nada... — murmurei.

Ela parou o carro minutos depois.

— Chegamos.

Olhei ao redor. Era o QG dos Luas Amarelas. Mas... como ela sabia?

— Como você sabe do QG? — perguntei.

Ela me encarou, fria.

— Era melhor não ter perguntado.

Saiu do carro, contornou, abriu minha porta... e apontou uma arma direto pro meu rosto.

— Vamos. O Indomável quer falar com você.

Meu coração congelou.

Minha namorada... me traiu?

Ou será que ela nunca foi minha? Foi tudo uma ilusão?

Então... o tempo parou.

Literalmente. Tudo ficou preto e branco. O ar congelou. Pássaros pararam no ar, folhas não caíam, o mundo estava em pausa. E eu... andava entre os corpos imóveis.

O que estava acontecendo?

— Juan... não temas.

Uma voz ecoou nas sombras.

— Sou um anjo enviado por Deus. Aproxime-se.

— Já tô temido demais... fala daí mesmo — respondi.

Uma figura surgiu. Assustadora, gigantesca, com asas escuras e olhos como chamas.

— Vou te levar a outro lugar — disse ele. — E vou te dizer apenas uma coisa: você tem 1% de chance de vencê-los.

E então... tudo desapareceu.

Me vi em uma fábrica. O tempo voltou a funcionar. E ali, em meio a poeira e ferrugem, vi meu novo arsenal.

Armas. Muitas armas.

Peguei uma AK-47, dois revólveres antigos, uma bolsa cheia de granadas, um colete... e um lança-chamas.

Agora sim.

Agora sim... eu vou trazer a vingança.

Capítulo 10

Meus dedos tremiam, mas não era de medo. Era da fúria que fervia no meu sangue como lava, queimando tudo que um dia foi esperança ou fé. Agora eu era só um corpo possuído por propósito. Helena... minha mãe de coração, estava morta. Eliza me traiu. E um anjo – ou sei lá o que – disse que eu só tinha 1% de chance. Isso só me deu mais vontade de lutar. Eu sempre fui o improvável, o que sobrevive por teimosia, não por destino.

Armei o colete, senti o peso das armas penduradas no meu corpo e saí da fábrica. O mundo estava normal de novo, cores voltaram, o tempo fluía, mas dentro de mim tudo ainda era preto, vermelho e fumaça. Peguei um carro enferrujado no estacionamento – era uma caminhonete velha, mas tinha gasolina e motor funcionando. Serviria. Dei partida e fui direto ao QG dos Luas Amarelas.

No caminho, eu só pensava no rosto da Eliza. Aqueles olhos que antes me confortavam... agora eram lâminas cravadas na minha mente. Ela mentiu. Me enganou. Ela sabia de tudo. E agora, ela estava do lado deles. Aquilo me destruía por dentro, mas ao mesmo tempo me dava combustível. Eu iria fazer ela pagar. Ou pelo menos... entender o porquê.

Cheguei próximo ao QG. O prédio era velho, parecia uma escola abandonada. Grafites por todo lado, câmeras escondidas, carros de luxo estacionados. O portão estava aberto, como se já estivessem esperando por mim.

Ótimo. Eu gosto assim.

Desci da caminhonete e fui andando lentamente até a entrada. Meus olhos estavam fixos no portão principal. Dois seguranças vieram ao meu encontro, rindo, tirando sarro da minha cara.

— Olha só, o moleque voltou! Veio se entregar de novo?

Sem dizer uma palavra, saquei os dois revólveres e disparei. Um caiu com o tiro no pescoço, o outro tentou reagir, mas tomou no peito. Corri para dentro do prédio. Era agora ou nunca.

Os corredores estavam escuros, o chão sujo, o cheiro de cigarro e sangue impregnava nas paredes. Homens armados começaram a surgir, mas eu já esperava. Puxei uma granada, tirei o pino e joguei no corredor. A explosão foi seca, com estilhaços voando por todo lado. Continuei avançando, pisando nos corpos, até chegar no salão principal.

Lá estava ele. O Indomável.

Sentado num trono improvisado feito de ossos, com uma capa longa, olhos fundos e uma cicatriz que rasgava o rosto de cima a baixo. Ao lado dele... Eliza.

Ela estava com um vestido escuro, os olhos fixos nos meus. Não havia medo neles. Havia arrependimento? Ou era apenas desprezo?

— Chegou cedo, Juan — disse o Indomável, a voz arrastada, como se cada palavra tivesse o peso de um túmulo —. Esperava mais drama... mais gritos.

— Hoje eu vim calado. Mas quem vai gritar são vocês.

E disparei. A sala virou um caos. Tiros. Gritos. Eliza se jogou no chão. O Indomável sacou uma pistola dourada. Eu rolei pro lado e joguei mais uma granada. O impacto me jogou contra a parede, mas a adrenalina me manteve de pé. Peguei o lança-chamas e fiz o inferno começar. Chamas lambendo os corredores, homens correndo, corpos caindo.

Mas o Indomável não era qualquer um. Ele resistia. Avançava mesmo com fogo ao redor. Eu mirei e atirei com a AK-47. Ele caiu... por um momento. Mas se levantou de novo, rindo.

— Juan, Juan... você acha que isso é apenas crime? Isso aqui é uma religião, garoto. E eu sou o profeta.

Foi então que eu entendi. Ele não era apenas um criminoso. Havia algo além. Algo sobrenatural. Seus olhos brilhavam com uma luz amarela, como se um demônio habitasse ali. Talvez fosse mesmo. Talvez eu tivesse cruzado uma linha sem volta.

Mas se Deus me deu 1%... eu iria transformar isso em 100 com fogo, bala e sangue.

Corri em direção a ele. Ele disparava, mas o colete me segurava por pouco. Saltei e cravei a faca em seu ombro. Ele gritou. Eu empurrei mais fundo.

— Pela Helena. Pela minha mãe. Por mim!

Mas antes de desferir o golpe final... Eliza gritou.

— PARA!

Ela estava de pé, com a arma apontada para mim. Mas não atirou.

— Você... você não entende... Juan... eu tentei te proteger...

— Proteger? Você me levou até aqui!

— Era a única forma! — ela gritava, lágrimas nos olhos —. Eu entrei nesse inferno pra te tirar dele! Se eu recusasse... eles matariam a Helena antes mesmo de você sair do hospital! Eu fiz um pacto... pra te manter vivo!

Fiquei parado. Confuso. Atordoado. O Indomável ria, mesmo sangrando.

— Amor... que bela tragédia.

Eliza atirou. Não em mim. No Indomável.

O tiro atravessou a cabeça dele. O riso cessou. O corpo caiu. E tudo ficou em silêncio.

Mas eu sabia... isso ainda não era o fim.

Respirei fundo, olhei para Eliza. Ela estava desabando. Eu não sabia mais o que sentir. Amor, ódio, alívio... tudo misturado.

— Vamos sair daqui — disse ela.

— Ainda tem mais deles.

— Eu sei... mas agora você não está sozinho.

E assim, entre o fogo, os corpos e a fumaça... saímos daquele QG. Mas eu sabia. A guerra só estava começando. E agora... o inferno inteiro tinha ouvido meu nome.

Juan, o justiceiro de 1%.

E eu? Eu ia levar esse 1% até o último suspiro.

Capítulo 11

A guerra não foi um confronto glorioso. Não houve música épica tocando ao fundo. Foi sujeira, dor e sacrifício. Dois contra dez mil. Mas não de uma vez só. Eles vieram em ondas, como ratos saindo do esgoto, armados até os dentes, sujos de sangue e gritos. E nós... nós tínhamos apenas nossas armas, nossa raiva e a memória de todos que perdemos.

Eu e Eliza passamos semanas caçando célula por célula dos Luas Amarelos, desmantelando esconderijos, invadindo depósitos, explodindo rotas de tráfico, eliminando líderes que se escondiam como baratas em prédios abandonados. Às vezes, era só nós dois contra vinte ou trinta. E outras vezes, tínhamos apoio de policiais que, inspirados pela nossa luta, resolveram se juntar. Mas a maioria... a maioria nos abandonou. Não queriam se sujar como a gente.

Eu levei três tiros. Eliza foi esfaqueada uma vez, mas continuou lutando mesmo com sangue escorrendo pela barriga. Dormíamos onde dava, comíamos o que achávamos. Estávamos à beira do colapso. E mesmo assim... vencemos.

O último confronto foi no topo do Monte Coiote, onde os remanescentes dos Luas Amarelos haviam se reunido com seus chefes finais. Estavam armados com tudo: metralhadoras, explosivos, escudos táticos. Eles esperavam acabar com a lenda dos “dois loucos” que estavam acabando com tudo.

Mas nós viramos a lenda porque não tínhamos nada a perder.

Subimos pelas encostas durante a madrugada. A neblina encobria nossos passos. Cada disparo que dávamos era certo. Eliza usava as sombras como extensão do corpo. Eu me tornava o barulho do inferno no campo. E quando amanheceu... estavam todos mortos ou rendidos.

Não gritamos vitória. Só nos sentamos no chão, juntos, com a arma no colo, vendo o sol nascer pela primeira vez em semanas... sem ter que matar ninguém ao acordar.

A notícia se espalhou. As câmeras captaram os destroços. A mídia chamou de "A Guerra dos Dois Contra Todos". Nós fomos erguidos como símbolos de coragem. Pela primeira vez, os políticos não conseguiram nos ignorar. Não dava. O povo nos viu como salvadores.

Fomos promovidos a capitães da Polícia Nacional. Mas não parou por aí.

O Governo criou uma nova organização de elite, pública, transparente, com foco em justiça limpa, direta, sem manipulação. Chamaram de “Heróis de Sangue”. Porque foi com sangue que lutamos por justiça. Nosso rosto estampava os murais da cidade. Crianças queriam ser como a gente. Estátuas nossas foram erguidas na praça central de Nova Domus. Um quartel da nova organização foi construído com nosso nome gravado na pedra da entrada.

Mas eu nunca me senti um herói.

Eliza sorria para as câmeras. Eu apenas cumpria o protocolo. Algo me corroía por dentro.

Na primeira noite após a cerimônia de posse como capitães, fui até o terraço da nova sede. Sozinho, olhei a cidade iluminada, respirando pela primeira vez em paz. Mas minha alma... não respirava.

Foi então que aconteceu.

A noite desapareceu. Não como quando falta energia. Mas como se tivesse sido rasgada pela própria eternidade. Uma luz desceu do céu, mais forte que qualquer coisa que meus olhos pudessem suportar. Caí de joelhos. Meus olhos lacrimejavam, minha pele queimava levemente pela intensidade do brilho.

Uma voz, firme como trovão e suave como vento, falou. Não com som... mas dentro de mim.

— Juan.

— Q-quem... é...? — balbuciei, tremendo, sentindo o peso do Universo sobre mim.

— Sou Jeová. O verdadeiro. O que te formou no ventre. Aquele a quem teu coração chamou quando tudo desabou.

Meus olhos não conseguiam se abrir. A luz me cegava. Senti meu corpo quase desmanchar em arrependimento.

— Por que tanto sangue? — a voz perguntou. — Eu não te mandei guerrear. Não te chamei para matar. Aquilo que viveste... foi plano do Inimigo. Satanás usou tua dor, tua raiva, tua sede de justiça... para plantar mais injustiça.

Meu peito doía. Não pelas balas. Mas por cada vida que tirei. Cada corpo que deixei no chão. Senti as lágrimas escorrerem pelo rosto sujo e envergonhado.

— Eu... só queria fazer o certo. Eu queria justiça... me perdoa, por favor, meu Deus...

— Te perdoo. Mas chegou a hora de fazer o que é certo. Justiça não é vingança. Justiça é conserto. Justiça é libertar o inocente e condenar o culpado. Te darei sabedoria para limpar o sistema. Não com sangue... mas com verdade.

Fiquei em silêncio. Sentindo o peso de tudo que fiz. Tudo que fui. E tudo que deveria ser.

Quando levantei os olhos, a luz havia sumido. Estava novamente sozinho.

Mas agora... com um novo chamado.

O sangue havia acabado. Agora era hora de curar.

Capítulo 12

O silêncio entre nós no elevador dizia tudo. Eliza evitava meu olhar desde que mencionei o que aconteceu no terraço. A presença de Jeová. A luz. A voz.

— Então... você acha que falou com Deus? — ela quebrou o silêncio, com um tom de dúvida amarga. — Assim... literalmente?

— Eu não acho. Eu sei. Aquilo não foi imaginação. Eliza, Ele me disse coisas que ninguém mais poderia saber. Ele me repreendeu... e me mostrou outro caminho.

— Outro caminho, Juan? — ela cruzou os braços. — Você tá me dizendo que todas as lutas, todas as mortes, tudo que a gente passou... foi em vão? Que a gente foi usado por Satanás?

— Eu não queria acreditar, mas... foi o que Ele disse. E no fundo, Eliza... eu senti. Senti cada vez que olhava um corpo no chão. Algo tava errado. Não era justiça. Era só... mais dor.

Ela bufou, afastando-se.

— Eu não posso, Juan. Eu já tô com a cabeça cheia. Essa cidade, essa política, essa podridão. Eu entrei nessa por você. Porque acreditava em você. Mas agora... agora você tá dizendo que a gente errou tudo?

— Eliza, me escuta. Eu só tô tentando consertar.

— Pois eu não posso mais consertar nada agora. Preciso respirar. Preciso ficar sozinha.

Meu peito apertou como se alguém tivesse tirado o ar com as mãos.

— Você tá... terminando?

Ela hesitou. A dor também estava nos olhos dela.

— Não é o fim. Mas é o fim por agora. Me dá um tempo, Juan.

Eu não lutei. Não naquele momento. Porque entendi. Eu também tava um caos por dentro.

Ela se afastou. E eu só pude assistir. Mais uma perda.

Com o coração partido e a mente em brasa, acrescentei mais uma missão à minha lista: reconquistar Eliza.

Mas isso... viria depois.

Primeiro, eu tinha que cumprir o chamado.

Pensei por dias. Sem dormir direito. Pesquisava, assistia vídeos, lia artigos de bastidores. Descobri que o problema não era só nos bandidos — era no sistema. Era nas engrenagens que mantinham os corruptos livres e os inocentes presos.

E se o problema estava dentro... eu teria que entrar.

Usei conexões antigas, disfarces, acessos antigos da Polícia. Falsifiquei uma identidade e consegui me infiltrar nos servidores do núcleo de dados do governo. Estava tudo ali — as provas, os relatórios arquivados, os áudios silenciados.

Havia uma reunião marcada para algumas horas antes. Perdi a chance de intervir, mas talvez ainda conseguisse algo. Conectei um notebook antigo, fiz backup de tudo que pude em minutos. Mas o tempo se esgotou.

Dois caras de terno escuro e armas automáticas invadiram a sala.

— Larga o notebook agora! — gritou um deles.

Eu só corri. Peguei o equipamento e atravessei o corredor. Os tiros me seguiram, acertando paredes, rasgando portas. Pulei uma escada, arrebentei uma janela lateral e fui direto pro metrô.

Cada vagão parecia uma armadilha. Mas escapei.

Quando saí do último túnel, joguei o notebook em um incinerador. Os arquivos já estavam em nuvem segura.

Com nomes e provas nas mãos, comecei uma nova guerra. Não com balas. Mas com verdade.

Criei uma rede anônima de vazamentos. Todos os dias, uma nova bomba. Documentos, vídeos, áudios. Juízes sendo comprados, promotores vendendo sentenças, delegados acobertando crimes.

Os culpados começaram a cair. Um por um.

Alguns tentaram correr. Outros tentaram silenciar os vazamentos. Mas era tarde demais. A opinião pública se voltou contra eles. A mídia que antes me perseguia, agora me usava como fonte. As redes sociais estouravam com a hashtag #JustiçaDeSangue.

Hackeei sistemas do Ministério Público, decodifiquei pastas protegidas e encontrei um padrão nojento: sempre os mesmos criminosos sendo soltos. Motivo? "Falta de provas". Mas as provas estavam lá. Tinham sido apagadas.

Usei backups antigos da Polícia, escondidos em servidores esquecidos, e restaurei tudo. Cada caso arquivado por corrupção... publicado em praça pública.

O país inteiro parou pra assistir. E a justiça começou, enfim, a respirar de novo.

Mas no meio do caos e da limpeza... uma pergunta não me deixava em paz:

Será que Eliza ainda me vê como alguém digno?

Capítulo 13

O salão subterrâneo estava lotado.

Jornalistas investigativos, ativistas de direitos humanos, representantes de minorias, militares de alta patente e os poucos juízes e promotores ainda honestos se sentavam lado a lado, sem saber exatamente por que haviam sido convocados — apenas que Juan, o Herói de Sangue, tinha algo grandioso para revelar.

Quando ele subiu ao púlpito improvisado, seu semblante era grave. O telão atrás dele acendeu. A sala mergulhou num silêncio profundo.

— "Todos vocês estão aqui porque ainda existe fé dentro de vocês. Fé na justiça. Fé no povo. Fé em Jeová."

Imagens começaram a surgir: vídeos de manipulações judiciais, fraudes de cartório, juízes vendendo sentenças por criptomoedas. A verdade, nua e crua, como uma ferida aberta.

— "Nos últimos meses, infiltrado digitalmente, eu vi o que muitos suspeitavam. O sistema não apenas falha... ele é cúmplice. Mas agora temos uma chance de mudar isso."

Ele revelou então seu maior projeto.

— "Este é o Olho de Jeová. Uma inteligência artificial incorruptível, com código-fonte aberto, rastreando cada passo do Judiciário. Toda petição, sentença, recurso... tudo auditado em tempo real, por qualquer cidadão que deseje acessar. Não haverá mais escuridão. Só luz."

Um holograma surgiu, mostrando como o Olho detectava incoerências, alertava manipulações, e sinalizava tendências de corrupção por padrões estatísticos e de linguagem. Era o começo de uma justiça viva, transparente como o céu.

— "Proponho um movimento civil: Justiça Plena. Uma aliança entre povo, lei e Deus. Uma reforma que tornará o Judiciário 100% digital, auditado por nós todos. Pela verdade. Pela integridade."

Aplausos. Gritos. Gente chorando. Aquilo era mais que uma proposta — era uma faísca em uma nação em cinzas.

Mas depois daquele dia histórico, Juan sentiu algo que há tempos não sentia: cansaço.

O peso das mortes que havia causado, as decisões, as lutas, a solidão... tudo se acumulava no peito. Ele precisava descansar.

E quando se deitou na poltrona da sede dos Heróis de Sangue, fechando os olhos pela primeira vez em dias, uma imagem não saía da mente: Eliza.

O toque da mão dela. A voz quando sorria. Os olhos... que agora ele temia nunca mais ver da mesma forma.

Ele se levantou impulsivamente. Vestiu uma camisa simples. Pegou o carro.

la vê-la.

Eliza estava num apartamento pequeno, alugado num bairro afastado. Quando abriu a porta e viu Juan parado ali, segurando flores e parecendo nervoso como um garoto, seu coração pulou — mas seu rosto manteve a rigidez.

— "Juan..."

— "Desculpa aparecer assim. Eu... Eu precisava te ver. Posso entrar?"

Ela hesitou. Mas abriu a porta.

Juan se aproximou da varanda e olhou o céu.

— "Eu ouvi Deus. Eu sei que parece loucura. Eu sei que você... precisava de tempo. Mas o que Ele me mostrou mudou tudo. Eu não quero mais lutar com armas. Eu quero reconstruir, reformar, sem matar ninguém."

Eliza cruzou os braços.

— "Juan, eu vi você perder o controle. Vi você ser um monstro por um tempo. E mesmo quando tentou mudar, eu... eu ainda não sei se consigo confiar."

Ele se virou e se aproximou.

— "Então deixa eu te reconquistar. Não como herói, não como soldado. Como homem. Como alguém que ainda ama cada pedaço de você. Me deixa me apaixonar de novo. Melhor ainda — me deixa me apaixonar mais do que nunca."

Ela tentou conter o sorriso. E falhou.

O jantar foi simples. Luzes baixas. Música suave. Conversas que foram de lembranças engraçadas a momentos de dor profunda. Quando Juan segurou a mão dela, sentiu o calor de volta. Quando a noite terminou, estavam no apartamento de Eliza, e a tensão entre os dois era palpável.

Mas Juan parou. Respirou fundo. E fez o inesperado.

Ele se ajoelhou.

— "Eliza... Eu não quero te perder de novo. Eu não quero mais ser um soldado do mundo. Quero ser teu parceiro diante de Jeová. Não precisamos de papel, nem cerimônia. Aqui, agora, diante Dele, quero te prometer tudo."

Tirou do bolso uma pequena caixinha. Dentro, uma aliança antiga, envelhecida, mas com brilho sagrado.

— "Essas eram dos meus pais biológicos. Eu guardei por anos. Agora... são nossas. Vamos fazer nossos votos agora. Casar diante de Deus. E iniciar uma nova vida. Uma vida limpa. Transparente. E cheia de amor."

Ela levou a mão à boca, emocionada.

— "Sim... sim, Juan. Eu aceito."

Lágrimas. Sorrisos. Um beijo puro. E ao invés de entregarem seus corpos ao desejo... entregaram suas mentes ao Espírito. Pegaram suas Bíblias. Leram até o sono vencê-los. Dormiram abraçados, como dois jovens redimidos pela graça.

Na manhã seguinte, o mundo voltou a girar.

Juan convocou uma nova assembleia — dessa vez, ainda maior.

Juristas de todo o país. Líderes religiosos. Filósofos. Ativistas. Generais reformados. Pessoas comuns que acreditavam no bem.

— "Proponho uma nova base constitucional. Não para fortalecer governos. Mas para elevar consciências. Justiça não pode ser neutra. Ela tem que ser íntegra."

Projetou então os 12 pilares da nova proposta:

1. Transparência absoluta do Judiciário.
2. Auditoria civil permanente.
3. Inteligência artificial como apoio, não substituto, ao julgamento humano.
4. Processo 100% público e aberto.
5. Códigos baseados no equilíbrio entre ética e misericórdia.
6. Veto popular a sentenças polêmicas.
7. Punições justas, não vingativas.
8. Recuperação como meta, não destruição.
9. Proteção a inocentes acima de tudo.
10. Impossibilidade de prescrição em crimes de corrupção.
11. Inclusão de representantes do povo em tribunais.
12. Leis fundadas na justiça divina — a integridade diante de Jeová.

A sala foi tomada por um silêncio reverente. Até que um pastor levantou a voz:

— "Hoje... é o começo de uma nova era."

E todos aplaudiram. De pé. Por minutos. Como se o mundo, enfim, tivesse esperança.

Mas lá fora... a Colmeia ainda zumbia.

No escuro, um novo inimigo observava os avanços de Juan. Mais perigoso, mais sorrateiro. Algo além da política. Além da corrupção. Algo que queria não só manter o poder, mas acabar com a ideia de verdade.

E ele já havia colocado seu espião dentro da Heróis de Sangue.

Capítulo 14

Juan já havia aprendido a não confiar cegamente.

Anos lidando com facções, espionagem, traições políticas e emboscadas haviam lhe dado uma sensibilidade quase sobrenatural para detectar mentiras e infiltrações. E não demorou para ele perceber os padrões estranhos, os vazamentos precisos, os atrasos programados. Um nome se destacou. Um agente disfarçado da Colmeia — o mesmo grupo que agora se movia nas sombras para retomar o poder.

Ele poderia tê-lo eliminado. Fácil.

Mas Juan não era mais aquele homem.

Em vez disso, tomou uma decisão drástica.

Convocou a imprensa. Convocou o povo. As luzes das câmeras acenderam, e diante de uma multidão sedenta por estabilidade, ele subiu ao palanque.

Vestia preto. Não por formalidade — por luto.

— “Hoje, eu anuncio o fim dos Heróis de Sangue.”

Um silêncio pesado caiu. Como se o mundo tivesse parado de respirar.

— “Essa organização nasceu em tempos sombrios. Foi edificada sobre ruínas... e sangue. Inimigos foram vencidos, sim. Mas vidas... foram tiradas. Até de inocentes. E por mais que tentemos justificar, o sangue nunca se apaga da memória.”

Ele ergueu o olhar. Determinado. Vulnerável.

— “Eu continuarei servindo como capitão da polícia. Mas essa organização, criada sobre luto e raiva... não deve mais existir.”

A multidão explodiu.

Gritos. Vaias. Alguns choravam. Outros se enfureciam. Militantes radicais começaram a se empurrar. Estilhaços de discursos inflamados voaram como flechas. Bandeiras rasgadas. Brigas surgindo nos cantos. Um tumulto que parecia o começo de outra guerra civil.

Juan tentou acalmar. Gritou por paz. Mas foi empurrado, pisoteado, arrastado entre gritos de “TRAIDOR” e “SALVADOR”.

No meio do caos... ele a procurou.

— “Eliza? ELIZA?!”

Nada.

Mais uma explosão de gritos. Um disparo ao longe. Um empurrão.

E então... ele ouviu.

Um grito. Agudo. Feminino. Familiar.

“JUAN!”

O mundo congelou.

Ele correu entre a multidão, como um animal desesperado no meio de uma floresta em chamas. Pulou uma barricada. Se enfiou em um beco. E então... ouviu passos. Leves, mas firmes. E ao dobrar a esquina, o mundo desabou.

Ali estava ela.

Eliza, com uma faca em sua garganta. Um homem mascarado, trêmulo, os olhos cheios de raiva e lágrimas.

— “Eliza!!”

Ela olhou nos olhos dele. Serenos. Eternos.

— “Tá tudo bem, Juan. Eu te amo... como nunca amei ninguém. Espero te ver no Paraíso prometido por Jeová, meu amor.”

— “NÃO! ELIZA, NÃO FALA ISSO!!”

O homem mascarado apertou a lâmina. Gaguejava, desesperado:

— “Você... matou minha família. Seus Heróis de Sangue mataram todos eles. Eles só queriam fugir. Eu era só um garoto. Ia ser jogador da Seleção Brasileira... Mas aí veio a guerra. E você tirou tudo.”

Juan caiu de joelhos.

— “Me perdoa... Me perdoa, por tudo. Deixa ela em paz. Leva a mim, POR FAVOR! Ela não tem nada a ver com—”

SHLACK!

O som seco. O sangue escorrendo. Os olhos de Eliza arregalados.

— “Eles também não tinham nada a ver com aquilo... Vilão de Sangue.”

O mascarado largou o corpo e correu.

Juan correu até ela. Suas mãos tremiam. Segurou o pescoço de Eliza, tentando estancar o sangue, tentando conter a vida que escapava.

— “FICA COMIGO! FICA COMIGO, POR FAVOR! NÃO FAZ ISSO COMIGO, NÃO AGORA, NÃO ASSIM!”

Ela sorriu. Fraco. Os olhos se fecharam. E a luz se apagou.

O velório foi no dia seguinte.

A cidade parou.

Milhares se reuniram. As flores cobriram as ruas. Telões mostravam imagens de Eliza em combate, em reuniões, rindo, chorando, vivendo. Ela virou um símbolo.

Juan, de terno preto, subiu no palco. O microfone em mãos. Os olhos secos — não por falta de lágrimas, mas por já ter chorado tudo.

— “Eliza não era só minha companheira. Era meu norte. Quando eu queria matar, ela me dizia pra esperar. Quando eu queria desistir, ela me dava forças. Quando o mundo me odiava, ela me amava.”

— “Hoje, o céu ganhou uma estrela. E eu perdi um pedaço de mim. Mas não vou deixar que essa perda seja em vão. Eu prometo, diante de Jeová e de todos vocês: vou consertar esse mundo. E quando meu tempo chegar, eu vou encontrá-la. Lá, no Paraíso. Onde a dor não existe. Onde o amor é eterno.”

Ele tocou a aliança em seu dedo. Beijou a testa fria de Eliza.

E a enterraram.

Silêncio. Só o som da terra.

Semanas se passaram.

Juan se trancou em casa. Tirou o uniforme. Desligou o celular. Não respondia ninguém. As paredes o esmagavam. As lembranças o torturavam. Os pesadelos o devoravam.

Mas então, uma manhã... o sol bateu na janela. A Bíblia aberta. Uma página marcada por Eliza: "**Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.**"

Ele fechou os olhos. Respirou fundo.

Levantou-se.

Vestiu a jaqueta.

Havia algo que ele ainda precisava fazer.

Capítulo 15

O país parou de novo. Mas desta vez... não foi por dor.

Foi por mudança.

Juan se ergueu do luto como uma fênix. Trazia nas costas o peso das batalhas, o luto de sua alma gêmea, e o nome que o mundo agora repetia: Vilão de Sangue transformado em Salvador de Justiça.

As manifestações cresceram como um incêndio. Mas não de ódio — de esperança.

Milhões de brasileiros saíram às ruas. Cartazes escritos à mão, rostos pintados, cânticos que diziam:

— Justiça plena já!

— Olho de Jeová, nosso guardião!

— Eliza vive!

A revolução de Juan não era mais um projeto individual. Era um movimento. Era o novo Brasil.

O sistema judiciário — agora totalmente digital, transparente e rastreado pela inteligência do "Olho de Jeová" — começou a limpar as veias do país. Juízes corruptos eram expostos em tempo real. Processos manipulados eram anulados e reanalisados por uma rede de juristas independentes.

O medo antes causado pela guerra... agora dava lugar a algo mais poderoso: transformação.

Em Manaus, a cidade onde tudo começou, o coração da revolução bateu mais forte. No centro, onde antes havia apenas concreto e trânsito, foi erguida a maior estátua da história do estado.

Eliza Golden.

Cinquenta metros de bronze e aço. Postura firme. Cabelos ao vento. A Bíblia em uma mão, e a bandeira da Justiça na outra.

A base da estátua carregava uma inscrição:

"Aqui jaz a heroína que morreu por um mundo mais justo. Seu sangue não foi em vão. Nos encontraremos no Paraíso, meu amor."

— Juan Diaz Gonzalez

O monumento se tornou ponto turístico. Local de orações. De promessas. Casais faziam juras ali. Mães diziam aos filhos: “Veja... foi ela quem ajudou a mudar tudo.”

Os Heróis de Sangue, apesar de dissolvidos, não foram esquecidos. A história deles foi eternizada.

Um museu foi inaugurado, abrigando desde as espadas de titânio até as roupas originais dos agentes, vídeos, depoimentos e arquivos de guerra.

E então... vieram os filmes e séries. Plataformas internacionais brigavam pelos direitos. Juan, que nunca quis fama, assinou apenas sob uma condição:

— Contem a verdade. Sem romantizar o sangue. Contem tudo. Mostrem a dor. Mostrem o perdão.

A primeira temporada bateu recordes. Emocionou o mundo. O nome de Eliza se espalhou como um sopro divino por todos os continentes.

E Juan... descansou.

Não como quem abandona a missão.

Mas como quem pode, finalmente, dormir sem armas debaixo do travesseiro.

Voltou à sua casa. Ainda com o quarto vazio onde Eliza costumava dormir. Ele deixou tudo como estava. E todas as noites, lia um versículo diferente da Bíblia dela. A cada leitura, uma lembrança. A cada lágrima, uma promessa.

Ele não esqueceu.

Nem dela. Nem do mascarado.

Mas agora... ele não precisava mais correr. O mundo girava diferente.

O Brasil, antes afogado em lama e injustiça, agora respirava — aos poucos, ainda com feridas — mas vivo. E limpo.

Num fim de tarde, Juan subiu no terraço do prédio onde morava.

O céu estava pintado de laranja e roxo. Ventava levemente.

Ele fechou os olhos.

E pela primeira vez em muito tempo... sorriu.

Mas então... ouviu passos.

Passos leves, firmes, ritmados... como os de uma marcha.

Ele virou o rosto.

Nada.

Até que... um som celestial invadiu seus ouvidos.

Um brilho. Um clarão que o fez cair de joelhos.

— Juan...

A voz era como o eco de um trovão e o sussurro de uma brisa, ao mesmo tempo.

— Senhor...? É você de novo?

— Terminaste a primeira parte. Mas há mais. O mal... ainda rasteja nas sombras. A justiça limpa o presente... mas é a verdade que salva o futuro.

— O que quer de mim agora?

— Em breve, conhecerás o inimigo que se alimenta de mentiras desde o Éden. Ele se esconde... dentro dos corações mais justos. Prepare-se.

A luz se dissipou. E Juan, agora com os olhos marejados, olhou para a cidade e sussurrou:

— A guerra ainda não acabou...

FIM.